



EVIDÊNCIAS DA LINGUAGEM NO PROCESSO DE HUMANIZAÇÃO NA PERSPECTIVA DA TEORIA HISTÓRICA - CULTURAL

Sandra Maria Canesso Confotim¹
Mafalda Nesi Francischett²
Vanice Schossler Sbardelotto³

Resumo

O texto resulta das reflexões das professoras sobre educação que, no contexto de suas experiências, buscam pelas contribuições de Leontiev (2004) e de Vigotski (2005) para o desenvolvimento da educação escolar. Uma vez que os autores têm significativa contribuição para a compreensão do processo histórico da humanização, a partir da produção e transmissão de cultura, por meio da linguagem. O texto apresenta algumas concepções sobre o desenvolvimento histórico dos homens, baseado na criação de signos e em linguagens como mediadores das relações sociais humanas, de como estes elementos se tornam fundamentais na educação escolarizada da sociedade atual. O texto resulta de revisão teórica ancorada na pesquisa bibliográfica sobre as produções dos autores citados e pela evidência da fundamental participação da educação escolar no desenvolvimento humano. Entende-se que esta perspectiva de trabalho, eminentemente com signos e linguagens, próprios de um tempo e de um lugar, articula, ao mesmo tempo, o produto histórico e cultural humano com as novas formas culturais humanas.

Palavras-chave: Signos. Linguagem. Educação escolar.

Eixo Temático: Eixo 13 – Pensadores e teorias da Educação

INTRODUÇÃO

O homem ao se apropriar da cultura, construída historicamente, se desenvolve. Esse desenvolvimento não obedece somente às leis biológicas naturais, mas, ao passo que os homens produzem a sociedade humana, esse desenvolvimento passa a se submeter a estas leis. O que significa que a criança nasce da espécie humana e por meio da relação com

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação. Email: sandra.canesso@hotmail.com

² Professora do Programa de Pós Graduação em Educação e em Geografia. Email: professoramafalda57@gmail.com

³ Doutora em Geografia, professora do colegiado de Pedagogia – Unioeste. Email: vanice.sbar@gmail.com

outros seres humanos, mais experientes, inclusa no espaço escolar e pela vida em sociedade, ela irá se humanizar. Esse contato e a interação que com ele ocorre são decisivos no processo de humanização desse novo indivíduo.

Nesta perspectiva os signos e a linguagem desempenham papel importante no desenvolvimento humano, pois são produzidos historicamente para satisfazer as necessidades humanas e as necessidades na relação com o outro, passando assim, de geração em geração. Por essa capacidade do homem em se desenvolver e produzir cultura, esses instrumentos – signos e linguagem – são adaptados, inovados, criando funções sociais e sendo substituídos por outros instrumentos mais elaborados.

O homem é considerado como um ser qualitativamente diferente dos animais, ele passa por um processo de leis biológicas para leis sócio-históricas ao se apropriar dos bens culturais e materiais existentes. (LEONTIEV, 2004).

O processo de aquisição de instrumentos culturais mediados se dá pelas relações sociais, que resulta na humanização. Ou seja, o humano se torna um membro da sociedade da qual faz parte, compartilhando com ela seus signos, linguagem e riquezas culturais. Se apropriando desses bens ele passa a ser sujeito, regido por leis sócio-históricas e não somente leis biológicas, se diferenciando assim dos animais.

OS SIGNOS E A LINGUAGEM NO PROCESSO DE HUMANIZAÇÃO

No século passado, conforme Leontiev (2004), Engels, sustentando a ideia de uma origem animal do homem, mostrava ao mesmo tempo que o homem é distinto dos seus antepassados animais e que a hominização resultou da passagem à vida numa sociedade organizada na base do trabalho, modificando assim sua natureza, o que marcou o início de um desenvolvimento dos animais que estava e está submetido as leis sócio-históricas.

O processo da passagem dos animais ao homem é composto por três estágios: o primeiro, o da preparação biológica do homem, onde reinavam as leis biológicas e os australopitecos, eram animais que levavam uma vida gregária, conheciam a posição vertical, utilizavam utensílios rudimentares não trabalhados, possuíam meios externos primitivos para comunicar-se entre si. No segundo estágio, denominado como o da passagem ao homem. Este estágio é marcado pelo início da fabricação de instrumentos e pelas primeiras formas de trabalho e de sociedade. A formação do homem estava ainda submetida, às leis biológicas, mas elementos novos apareciam no seu desenvolvimento.

Começavam a produzir, modificações da constituição anatômica do homem, do seu cérebro, dos seus órgãos dos sentidos, da sua mão e dos órgãos de linguagem. O terceiro estágio, é do aparecimento do tipo do homem atual (*Homo sapiens*). Quando o homem se liberta totalmente da sua dependência inicial e as leis sócio-históricas regem a evolução do homem. (LEONTIEV, 2004).

Desde o princípio da história humana, os homens e as suas condições de vida não deixaram de se modificar e as aquisições da evolução de se transmitir de geração em geração, apresentaram continuidade do progresso histórico, sendo esta forma que só aparece com a sociedade humana, a dos fenômenos externos da cultura material e intelectual. (LEONTIEV, 2004).

No sentido mais amplo, cultura, para Vigotski (1995), significa tudo o que é social, ou seja, um produto da vida social e da atividade do ser humano. Ao abordar o problema do desenvolvimento cultural do comportamento, o autor nos leva diretamente ao desenvolvimento social. Aponta o signo, que está fora do organismo, como uma ferramenta separada da personalidade, que serve essencialmente ao meio social.

Primero, en el sentido más amplio significa que todo lo cultural es social. Justamente la cultura es un producto de la vida social y de la actividad social del ser humano; por ello, el planteamiento del problema del desarrollo cultural de la conducta nos lleva directamente al plano social del desarrollo. Podríamos señalar, además, que el signo, que se halla fuera del organismo, al igual que la herramienta, está separado de la personalidad y sirve en su esencia al órgano social o al medio social. (VIGOTSKI, 1995, p. 103-104).

O desenvolvimento da cultura se baseia na utilização de signos e na sua inclusão no sistema geral do comportamento, que ocorreu inicialmente de forma social externa. O signo, no início, é sempre um meio de relacionamento social, um meio de influência sobre os outros e só mais tarde se torna um meio de influência sobre si mesmo. (VYGOTSKI, 1995).

De acordo com o mesmo autor, na fase inicial da criança, as funções superiores do pensamento se manifestam na vida coletiva, como discussões e assim o pensamento verbal é transferido como linguagem para o indivíduo sendo a imitação e duplicação de funções entre os homens o mecanismo fundamental das transformações e mudanças nas funções da própria personalidade.

A linguagem, para Vigotski (1995), é a função central das relações sociais e do comportamento cultural e da personalidade. Diante disto o indivíduo constrói sua

personalidade, sendo que, a passagem de funções sociais para os indivíduos, acontecem de fora para dentro. A criança é a última a se dar conta de seu gesto, seu significado e funções, onde são determinados primeiro pela situação objetiva e depois pelas pessoas ao seu redor.

El lenguaje, sin embargo, es la función central de las relaciones sociales y de la conducta cultural de la personalidad. Por ello, la historia de la personalidad particularmente instructiva y el paso de funciones sociales a individuales, de fuera hacia dentro, se manifiesta aquí con especial evidencia. (VIGOTSKI, 1995, p. 101).

A linguagem articulada, para Leontiev (2004), só se forma, em cada geração pela aprendizagem da língua que se desenvolveu num processo histórico e o mesmo se passa com o desenvolvimento do pensamento ou da aquisição do saber. O autor destaca ainda que, quanto mais progride a humanidade, mais rica é a prática sócio-histórica acumulada por ela, mais cresce o papel específico da educação e mais, razão pela qual toda etapa nova do desenvolvimento da humanidade, bem como diferentes povos, passa para uma nova etapa do desenvolvimento da educação.

Desde o nascimento, de acordo com Vigotskii, Leontiev e Lúria (2010), as crianças estão em constante interação com os adultos e tendem a incorporar sua cultura e significados de modos de fazer as coisas que se acumulam historicamente.

Na infância as respostas que as crianças dão ao mundo são dominadas pelos processos naturais, proporcionados pela herança biológica, mas a partir da constante mediação dos adultos, processos psicológicos instrumentais mais complexos começam a tomar forma e, à medida que elas crescem, esses processos que eram inicialmente partilhados com os adultos acabam por ser executados dentro da própria criança.

Sendo assim, cada sujeito aprende a ser um homem vivendo em sociedade, sendo colocado diante de uma imensidade de riquezas acumuladas ao longo dos séculos, por inumeráveis gerações de homens, os únicos seres que são criadores. As gerações humanas morrem e se sucedem, mas aquilo que criaram passa às gerações seguintes, que multiplicam e aperfeiçoam pelo trabalho, pela luta, pelas riquezas que lhes foram transmitidas e passam o testemunho do desenvolvimento da humanidade. (LEONTIEV, 2004).

Para Leontiev (2004), a experiência sócio-histórica da humanidade se acumula sob a forma de fenômeno do mundo exterior objetivo, diante disto, este processo é sempre ativo do ponto de vista do homem, onde para se apropriar dos objetos ou fenômenos que

são o produto do desenvolvimento histórico, é necessário desenvolver em relação a eles uma atividade que se reproduza, pela sua forma, os traços essenciais da atividade encarnada, acumulada no objeto.

Por suas atividades os homens, de acordo com Leontiev (2004), se adaptam à natureza e modificam-na na função do desenvolvimento de suas necessidades, criam os objetos para satisfazer as suas necessidades e igualmente os meios de produção destes objetos, dos instrumentos às máquinas mais complexas, constroem habitações, produzem as suas roupas e os bens materiais ao mesmo tempo, as suas aptidões, os seus conhecimentos e o seu saber-fazer.

Cada geração começa a sua vida no mundo de objetos e de fenômenos criados pelas gerações anteriores, se apropriando das riquezas deste mundo participando no trabalho, na produção e nas diversas formas de atividade social e desenvolvendo assim aptidões especificamente humanas que se cristalizam e nasceram nesse mundo.

Cada nova forma de experiência cultural, não surge simplesmente de fora, em vez disso, o organismo, ao assimilar influências externas, assimila toda uma série de formas de comportamento, de acordo com o nível de desenvolvimento psíquico em que se encontra, nutri durante o processo de crescimento do corpo, ou seja, de certas substâncias, de materiais externos que são elaborados e assimilados pelo próprio organismo. (VIGOTSKI, 1995, p. 107).

APROPRIAÇÃO DA CULTURA E O PAPEL DA ESCOLA

As culturas constituem um conjunto de atividades que são próprias de determinados lugares e que tem significação para o grupo. A tradição, expressa como elemento que garante a continuidade do grupo, não é um processo linear, fixo, imutável, mas que se transforma no contexto espaço-temporal de cada época, a partir de um conjunto de situações que operam sobre o grupo, o espaço e suas interações. (OLIVEIRA, COPATTI e CALLAI, 2018).

O processo de apropriação, para Leontiev (2004), é resultado de uma atividade efetiva do sujeito em relação aos objetos e fenômenos do mundo circundante, criados pelo desenvolvimento da cultura humana. Sendo que, para se apropriar destes resultados e fazer deles as suas aptidões, as crianças, o ser humano, deve entrar em relação com os fenômenos, através de outros, num processo de comunicação com eles.

A criança tem suas relações com o mundo sempre com intermédio de outros seres humanos e a sua atividade está sempre inserida na comunicação. Esta se efetua inicialmente pelo exterior, de atividade em comum, quer sob a forma de comunicação verbal ou gestual, é a condição necessária e específica do desenvolvimento do homem na sociedade. (LEONTIEV, 2004).

A escola, como se conhece hoje, desponta como local privilegiado para a transmissão da cultura. Pois, têm tempos, espaços e sujeitos especialmente preparados para esse fim; com políticas de formação de professores, de currículos escolares, de financiamento público, que garante acesso universal e gratuito. Mesmo com as contradições da sociedade capitalista, que impõe limites aos currículos e práticas educativas, a escola é uma importante conquista coletiva para a socialização, diálogo e produção de e sobre a cultura humana. (SAVIANI, 2005).

Neste sentido, a escola tem um papel importante, pois permite que a criança se humanize por meio do ensino organizado que lhe é proporcionado, em que ela se apropria da cultura humana e se transforma em sua individualidade, por meio de práticas educativas planejadas, a partir das concepções de aprendizagem e desenvolvimento.

A escola é a instituição, que para Callai (2011), está encarregada de transmitir o conhecimento à sociedade, para várias gerações, sendo necessário para que o estudante construa o seu conhecimento, aprenda a pensar. O que significa elaborar o conhecimento produzido pela humanidade e, do confronto com diferentes saberes, sejam do professor ou outros interlocutores, formar o seu.

Vigotskii, Leontiev e Lúria (2010), se dedicaram ao estudo da atividade, expressão com a qual designam a maneira pela qual a criança chega a envolver-se em atividades que dão significados aos estímulos, que são proporcionados a dominar, criando, com isso, suas próprias atividades mediadoras e instrumentais.

A atividade principal neste caso, é aquela atividade que o sujeito realiza de acordo com seu desenvolvimento, para participar das relações sociais, para compreender o mundo no qual ele vive, para se apropriar das características humanas da sociedade onde ele vive.

Por atividade, designamos os processos psicologicamente caracterizados por aquilo a que o processo, como um todo, se dirige (seu objeto), coincidindo sempre com o objetivo que estimula o sujeito a executar esta atividade, isto é, o motivo. (VIGOTSKII; LEONTIEV; LURIA, 2010, p. 68).

Alguns tipos de atividade, de acordo com Vigotskii, Leontiev e Lúria (2010), em um certo estágio, são as principais e de maior importância para o desenvolvimento subsequente do indivíduo, e outros tipos são menos importantes, assim como alguns representam o papel principal no desenvolvimento e outros, um papel subsidiário, por isso a vida ou a atividade como um todo, não é construída mecanicamente.

A introdução do conceito de atividade no processo de formação e desenvolvimento da psique e consciência, pelas pesquisas de Leóntiev e Rubinstein, permitiu mudar radicalmente tanto as noções sobre as forças motrizes do desenvolvimento psíquico como os princípios de divisão de seus estágios, sendo alguns tipos de atividade as orientadoras com grande importância para o desenvolvimento posterior da personalidade. Alguns tipos desempenham o papel principal no desenvolvimento e outros, um papel subordinado. Por esse motivo Elkonin (1987) ressalta que, não devemos falar da dependência do desenvolvimento psíquico em relação à atividade em geral, mas com a atividade principal, mas pode-se dizer que cada estágio de desenvolvimento psíquico caracteriza-se pela relação determinada, principal na etapa dada, da criança com a realidade, por um tipo determinado de atividade principal.

Leontiev (2004) considera que, o homem não nasce dotado das aquisições históricas da humanidade, mas estes são resultado do desenvolvimento das gerações humanas. Diante da necessidade de sua sobrevivência, os humanos promovem transformações, criam e produzem instrumentos e ao se apropriar dos instrumentos, produtos do desenvolvimento histórico, será necessário desenvolver uma relação mediada para dar significação ao objeto.

O instrumento, de acordo com Leontiev (2004), é produto da cultura material que leva em si, os traços característicos da criação humana, pois é ao mesmo tempo um objeto social na qual estão incorporadas e fixadas as operações de trabalho historicamente elaboradas e a aquisição do instrumento consiste para o homem, em se apropriar das operações motoras que nele estão incorporadas, possibilitando criar no homem aptidões novas, funções psíquicas novas, diferenciando-o dos animais.

Leontiev (2004), destaca que, quanto mais progride a humanidade, mais rica é a prática sócio-histórica acumulada por ela, mais cresce o papel específico da educação e mais, razão pela qual toda etapa nova do desenvolvimento da humanidade, bem como diferentes povos, passam para uma nova etapa do desenvolvimento da educação. O isolamento e a desigualdade das condições em diferentes povos, pode criar uma certa

desigualdade de desenvolvimento, porém, esta desigualdade entre os homens não provém de suas diferenças biológicas naturais e sim, em decorrência das condições de vida na sociedade de classes, em que a maioria das pessoas são privadas de meios materiais para seu progresso cultural.

Nesta perspectiva a sociedade foi se estruturando, no decorrer da sua evolução e a vida humana sendo gradativamente moldada, por meio da tradição e da capacidade de comunicação entre os sujeitos, através do desenvolvimento da linguagem. Assim criaram-se códigos, construíram-se relações, definiram-se costumes específicos a determinadas culturas, constituindo modos de agir e interagir próprios, que algumas vezes, se assemelham com povos muito vezes distantes geograficamente. (OLIVEIRA, COPATTI e CALLAI, 2018).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A espécie humana para se humanizar necessita da interação com outro de sua espécie mais experiente, e em suas relações os instrumentos são produzidos, adaptados, inovados e passados de geração em geração dando assim significados a eles.

Os novos indivíduos, ao se tornarem membros da sociedade, compartilham seus signos, linguagens e riquezas culturais. A aquisição desses signos e da linguagem não ocorre de forma natural ou, por leis biológicas, mas é um processo mediado por outros indivíduos e por instrumentos. Sendo assim, entendemos que o sujeito se constitui na interação com o meio social e cultural, onde os instrumentos, por serem produtos da cultura, trazem a historicidade que propicia ao indivíduo, sentido e significados, resultando assim, na sua humanização.

A linguagem e os signos possuem um papel importante, pois foram criadas social e historicamente pela necessidade de transferir ao outro os instrumentos produzidos pelos homens. Por isso a espécie humana evolui, pela sua capacidade de reprodução do que é produzido historicamente, transmitindo a cada nova geração a herança cultural acumulada. A criança nesse sentido, não terá necessidade de reinventar a linguagem, pois um adulto mais experiente nessa relação transmitirá a ela.

A escola assume um papel especialmente importante para a produção e reprodução da riqueza cultural humana. Nesse espaço se organiza, de forma intencional, por meio de

atividades pedagógicas, uma relação mediatizada que permite a aquisição dos signos, significados construídos pela sociedade de forma que se tornem elementos da individualidade de cada sujeito.

REFERÊNCIAS

CALLAI, H. C. (Org.). **Educação geográfica: reflexão e prática**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2011.

ELKONIN, D. B. Sobre el problema de la periodización del desarrollo psíquico en la infancia. In: DAVÍDOV, V.; SHUARE, M. **La psicología evolutiva y pedagogía en la URSS – Antología**. Moscú: Editorial Progreso, 1987.

LEONTIEV, A. O homem e a cultural. In: **O desenvolvimento do psiquismo**. 2 ed. São Paulo: Centauro, 2004.

OLIVEIRA, Tarcisio D.de; COPATTI, Carina; CALLAI, Helena C. **A educação na constituição do sujeito reflexões numa perspectiva cidadã**. Revista eletrônica da Graduação/Pós-Graduação em Educação UFG/REJ. Volume 14, N. 2, 2018.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. 9 ed., Campinas, Autores Associados, 2005.

VIGOTSKI, L. S. Génesis de las funciones psíquicas superiores. In: _____. **Obras Escogida III**. Madri: Visor, 1995.

VIGOTSKII, Lev Semenovich; LURIA; Alexander Romanovich; LEONTIEV, Alex N. **Linguagem, Desenvolvimento e aprendizagem**. Tradução de Maria da Pena Villalobos. 11 ed. São Paulo: ícone, 2010.